



EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL: A COISA MAIS MODERNA NO MUNDO É ENVELHECER

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana¹

Lizete de Sousa Coelho²

Genivaldo Rodrigues Trindade³

Vagner Pereira da Silva⁴

Andreia Firmino de Souza Brito⁵

Bartolomeu Moura Junior⁶

RESUMO

Atualmente nos deparamos com o desafio de enfrentar a formação em valores, a fim de contribuir para o aprendizado das novas gerações. O diálogo intergeracional produz uma aproximação cultural entre as diferentes idades. Esta abordagem contribui para o intercâmbio de tradições, modos de comportamento, promoção do respeito mútuo e conhecimento da história. O envelhecimento acelerado da população mundial está a conduzir a um aumento da análise da educação intergeracional bem como da sua dinâmica nos diferentes contextos e relações entre os sujeitos que a marcam. Neste artigo vamos tentar repensar os processos de formação dos profissionais da educação, estabelecendo elementos-chave para a atual formação inicial de professores e conseguindo enfrentar os desafios que anunciamos anteriormente. A formação deve evoluir através de vários modelos, tornando as nossas universidades espaços em que os professores podem educar, mas também aprender. Promover uma educação de qualidade comprometida com a mudança, inovação ou atualização do ensino.

Palavras-chave: Envelhecimento; Educação; Desafios; Conhecimento; História.

RESUMEN

Actualmente nos enfrentamos al reto de afrontar la formación en valores, con el fin de contribuir al aprendizaje de las nuevas generaciones. El diálogo intergeneracional produce una aproximación cultural entre diferentes edades. Este enfoque contribuye al intercambio de tradiciones, modos de comportamiento, promoción del respeto mutuo y conocimiento de la historia. El envejecimiento acelerado de la población mundial está provocando un aumento en el análisis de la educación intergeneracional así como su dinámica en los diferentes contextos y relaciones entre los sujetos que la marcan. En este artículo trataremos de repensar los procesos formativos de los profesionales de la educación, estableciendo elementos clave para la formación inicial actual del profesorado y logrando afrontar los retos que anunciamos anteriormente. La formación debe evolucionar a través de diversos modelos, haciendo de nuestras universidades espacios en los que

¹ Mestrando em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4525212051642722>

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9221823938316449>

³ Coordenador Pedagógico da Escola Municipal de Educação Infantil Indígena Simsari Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1063553986424804>

⁴ Professor da Secretaria Municipal de Educação de Tocantínia-TO Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3073465126604957>

⁵ Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Tocantins Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2315004348786247>

⁶ Membro do Grupo Interdisciplinar para Pesquisas e Estudos em Educação Intergeracional e Altas Habilidades (GI-PEEIIHA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2952410314932559>



los profesores puedan educar, pero también aprender. Promover una educación de calidad comprometida con el cambio, la innovación o la actualización educativa.

Palabras clave: Envejecimiento; Educación; Desafíos; Conocimiento; Historia.

ABSTRACT

Currently, we are faced with the challenge of facing formation in values, in order to contribute to the learning of the new generations. The intergenerational dialogue produces a cultural approximation between the different ages. This approach contributes to the exchange of traditions, ways of behaving, promoting mutual respect and knowledge of history. The accelerated aging of the world's population is leading to an increase in the analysis of intergenerational education as well as its dynamics in the different contexts and relationships between the subjects that mark it. In this article we are going to try to rethink the training processes of education professionals, establishing key elements for the current initial teacher training and managing to face the challenges that we announced earlier. Training must evolve through various models, making our universities spaces where teachers can educate, but also learn. Promoting quality education committed to change, innovation or updating of teaching.

Keywords: Aging; Education; Challenges; Knowledge; History.

INTRODUÇÃO

Uma das principais consequências do aumento da longevidade e da redução das taxas de natalidade observadas nas últimas décadas nas sociedades ocidentais é um forte desequilíbrio entre os sustentadores (população ativa) e os beneficiários (população inativa) do sistema previdenciário. A crise financeira global em curso pode aumentar ainda mais a competição por recursos e serviços escassos entre gerações, e até mesmo acabar por questionar o contrato social entre gerações (YARROW, 2009).

O impacto dessas mudanças sociais e demográficas ganha contornos particulares de acordo com os valores e recursos de diferentes países (HABERKERN & SZYDLIK, 2010). No entanto, parece estender-se a diferentes culturas através da globalização e está presente na generalização de novas estruturas familiares (ARRIAGADA, 2000). O envelhecimento e a solidariedade intergeracional, sejam no sentido estrito da família ou no contexto societário mais amplo, é cada vez mais interessante hoje em relação às gerações anteriores (BENGTSON & OYAMA, 2010; LOWENSTEIN, 2010).

Num cenário em que a estabilidade das carreiras e das relações amorosas está a diminuir, o apoio familiar intergeracional ganha importância para a sobrevivência e bem-estar dos jovens. Ao mesmo tempo, as trocas entre membros de diferentes gerações provavelmente são cada vez mais assimétricas e desequilibradas também. O investimento dos pais, que tendem a ser membros



da geração sanduíche, é cada vez mais abrangente, com pouca probabilidade de retorno, contrariando as previsões do chamado efeito “banco solidário” (GRUNDY & HENRETTA, 2006; LENNARTSSON et al., 2010).

DESENVOLVIMENTO

A transição para a vida adulta ocorre cada vez mais tarde nas sociedades desenvolvidas em geral (ARNET, 2004; BRANDÃO et al., 2012; JENSEN & ARNETT, 2012), pois os jovens conseguem atingir os marcadores tradicionalmente associados a essa transição cada vez mais tarde – formar-se, conseguir um emprego, vivenciar a vida conjugal e a paternidade. Consequentemente, observa-se uma maior e mais longa dependência dos jovens da sua família de origem, em termos financeiros, funcionais, emocionais e até residenciais (coabitação), particularmente nos países do Sul da Europa (ANDRADE, 2010). Nesses países, incluindo Portugal, a transição para a vida adulta é vista como um “empreendimento conjunto de desenvolvimento” (SCABINI, et al., 2006), pois ambas as gerações estão ativamente envolvidas nesse processo.

Algumas razões podem ser apontadas, incluindo condições econômicas (mercado de trabalho difícil e maior distanciamento entre os grupos socioeconômicos), características estruturais (falta de políticas previdenciárias / políticas de bem-estar público, substituídas pelo chamado “estado de bem-estar familiar”) e valores culturais (GUERREIRO & ABRANTES, 2004).

O foco automático é uma característica importante da fase de desenvolvimento da idade adulta emergente. Além disso, estudos recentes também evidenciaram que essa é uma característica distintiva da nova geração. O aumento observado em traços agênticos e egocêntricos, como narcisismo ou autoestima (GENTILE et al., 2010; TWENGE & CAMPBELL, 2009) e a diminuição do interesse por causas sociais e públicas (como a orientação cívica) justificam verdadeiramente o termo proposto da geração milênio.

Embora os adultos emergentes e/ou membros da geração não sejam descritos como egoístas ou mimados (ARNET, 2007), parece provável que suas características, fortemente marcadas pela ideologia individualista como apelo à realização pessoal (LAGO et al., 2009), podem comprometer seus comportamentos de ajuda atuais e suas intenções de ajudar no futuro. Particularmente



quando, pela primeira vez na história recente, não se espera melhora nas condições de vida da geração mais jovem em relação à geração de seus pais (ARROW, 2009).

A solidariedade familiar intergeracional é uma taxonomia aberta, fluida e multidimensional, que tem sido amplamente testada em diferentes sociedades e descreve as interações entre gerações, particularmente entre pais e filhos adultos, ao longo do ciclo de vida. Relaciona-se com comportamentos, mas também com atitudes, valores, emoções e sentimentos de pertença, que podem ser agrupados em duas dimensões principais: estrutural-comportamental e afetivo-cognitivo. (LOWENSTEIN, 2007).

A primeira dimensão estrutural-comportamental inclui a proximidade geográfica (solidariedade estrutural), a frequência de atividades compartilhadas (solidariedade associativa) e a solidariedade funcional. Este último refere-se a trocas de apoio e recursos, como afazeres domésticos, transporte e compras, informações e conselhos, apoio financeiro, apoio emocional, tomada de decisão, ajuda em caso de doença e assistência nos cuidados pessoais (LOWENSTEIN, 2007).

A segunda, dimensão afetivo-cognitiva, diz respeito ao compartilhamento de crenças, valores e atitudes (solidariedade consensual) e comprometimento no desempenho dos papéis e obrigações familiares (solidariedade normativa). Também inclui referência a sentimentos positivos em relação aos membros da família (solidariedade afetiva), que pode ser expresso em termos de qualidade do relacionamento (LOWENSTEIN, 2007; SILVERSTEIN & BENGTSON, 1994; SZYDLIK, 2008).

A solidariedade familiar parece melhorar o bem-estar, embora não exista consenso sobre os resultados empíricos a respeito dessa relação. Tem sido sugerido que depende dos valores predominantes na sociedade e a maioria dos estudos está focada no impacto dos destinatários de ajuda (SCHWARZ et al., 2010). Supõe-se que ser um receptor de ajuda aumenta o bem-estar, enquanto ser um provedor pode constituir um fardo, aumentar a ansiedade e a depressão e, portanto, reduzir o bem-estar (REZENDE et al., 2010).

Receber ajuda, no entanto, pode ser percebido como um sinal de perda da autonomia física e financeira pelos pais idosos (MERZ et al., 2010). Nesse contexto, ser um destinatário de ajuda também pode reduzir o bem-estar. Da



mesma forma, em adultos emergentes, o apoio recebido dos pais também pode ser percebido como um sinal de falta de maturidade e autonomia.

Esta é uma prática comum hoje em dia, particularmente em países mais familistas. Portanto, é fácil entender que o impacto de dar ou receber ajuda no bem-estar não é uniforme nem linear, mas mediado por variáveis como valores culturais e normas vigentes (SCHWARZ et al., 2010). Por outro lado, também se observou que os provedores de ajuda muitas vezes vivenciam a felicidade e a realização pessoal, percebendo a solidariedade intergeracional como uma oportunidade de retribuir a ajuda recebida em fases anteriores da vida (MERZ et al., 2010). Assim, espera-se que antecipar a capacidade de reembolsar o investimento dos pais em termos de tempo, dinheiro e cuidados afete a satisfação dos adultos emergentes com a vida.

O construto maturidade filial ganha particular relevância neste contexto. A maturidade filial parece ser uma variável importante para preparar os filhos adultos para a tarefa normativa de cuidar de seus pais no final da vida (BRODY, 1985).

Embora normativa, esta tarefa não está isenta de possíveis tensões entre as necessidades de independência e dependência, entre a ajuda que os filhos adultos podem e querem dar e a ajuda que os pais esperam e querem receber. A maturidade filial diz respeito à capacidade do filho adulto de interagir com os pais numa relação recíproca, percebendo-os como pessoas que existem para além das relações pai/mãe-filho/filha, compreendendo as suas limitações, história pessoal e necessidades de ajuda (BIRDITT, et al., 2008).

UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

Um exemplo de modernidade na velhice é a Universidade da Maturidade segundo Osório (2018) que é a criadora do maior projeto extensão da Universidade Federal do Tocantins, que possui uma carga horária de 320 horas com duração de 18 meses e que é dividido em três módulos. Ao final, os acadêmicos com idade a partir de 45 anos recebem o título de “Educadores Políticos Sociais do Envelhecimento”.

Para um envelhecimento ativo contamos com a orientação de Osório (2018) com sua Tecnologia Social que é a Universidade da Maturidade que traz



as vivências e as experiências dos acadêmicos da UMA-UFT fazendo-os protagonistas das suas próprias vidas mesmo na velhice. Sendo Osório (2018) a UMA/UFT está comprometida com a qualidade de vida dos seus acadêmicos com os princípios, leis e teorias da Educação Intergeracional (VILLAS-BOAS, 2016) e mantém o compromisso com a sociedade, trazendo os saberes populares dos mais velhos juntamente com atividades, cursos livres e de extensão e entre outros, transformando tudo isso através dos seus professores que são pesquisadores e acadêmicos do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins em conhecimento científico através de publicações em revistas, congressos, anais e entre outras.

A UMA-UFT (SILVA NETO e OSÓRIO, 2017) sendo espaço intrínseco de ensino, pesquisa e extensão, com mais de dezesseis anos dedicados em atividades educativas dedicadas a pessoa idosa dentro do Tocantins e em outros estados do Brasil.

A Universidade da Maturidade é um lugar de intergeracionalidade e interculturalidade abrigando o primeiro polo do Brasil dedicado a práticas educativas para os anciões indígenas localizada em Tocantínia-TO dentro da Amazonia Legal.

O MODERNO, A SOLIDARIEDADE E O ENVELHECER NO MUNDO

A solidariedade intergeracional seja no contexto familiar estrito ou no contexto societário mais amplo parece ser cada vez mais interessante nos dias de hoje (BENGTSON & OYAMA, 2010). Apesar das particularidades culturais, espera-se que a exposição às transformações econômicas e culturais associadas à globalização afete os riscos e oportunidades que a nova geração de jovens e suas famílias vivenciam em diferentes sociedades (JENSEN & ARNETT, 2012) e, conseqüentemente, intenções e práticas de solidariedade intergeracional (YARROW, 2009). Isso justifica a aplicação do modelo de solidariedade intergeracional, o paradigma mais importante da gerontologia social nas últimas três décadas, ao estudo das relações entre pais e filhos de adultos emergentes.

A pesquisa sobre solidariedade intergeracional demonstrou que existem dois tipos principais de motivação para ajudar entre os membros da família de diferentes gerações: o altruísmo e a reciprocidade. Comportamentos, atitudes e valores altruístas são motivados principalmente pela necessidade de quem



recebe ajuda, enquanto os recíprocos são motivados principalmente pelo retorno da ajuda recebida anteriormente. Assim, enquanto não começam a trabalhar, as crianças tendem a receber mais ajuda dos pais, principalmente em termos financeiros, mas muitas vezes também em termos residenciais e funcionais (ANDRADE, 2010). No entanto, espera-se um maior equilíbrio entre essas trocas ao longo do ciclo de vida (ANTONUCCI, 1985). Portanto, a ajuda intergeracional tradicionalmente tende a fluir mais das gerações mais velhas para as mais jovens, particularmente dos pais para os filhos, até uma fase relativamente tardia do ciclo de vida. Quando a saúde, a autonomia e as condições financeiras dos pais diminuem, espera-se uma inversão desse fluxo, tornando os filhos os principais provedores de ajuda dos pais (SZYDLIK, 2008).

Os resultados empíricos também sugerem que os padrões de solidariedade intergeracional variam de acordo com as características sociais. Em países com frequente mobilidade social ascendente entre as gerações mais jovens, o fluxo dos filhos para os pais pode ser mais precoce e intenso, em sinal de gratidão ou retribuição pelo investimento dos pais na educação dos filhos. Nos países mais desenvolvidos, portanto, é frequente a continuação do fluxo de pais para filhos até uma fase posterior, porque os pais idosos tendem a “compensar” os filhos adultos pela ajuda que prestam, e também porque a geração mais jovem tem menos recursos do que o mais antigo (CHAUVEL, 2006).

Os padrões de solidariedade intergeracional dependem de outros fatores, muitas vezes associados, como a disponibilidade de estruturas públicas de apoio social e os valores predominantes relacionados aos estados de bem-estar público e aos estados de bem-estar familiar.

Em Portugal parece ser um país de “bem-estar familiar”, em que as obrigações percebidas em relação aos membros da família são muito fortes: espera-se que a família seja a fonte privilegiada de apoio aos seus membros mais vulneráveis, devido aos valores e/ou valores predominantes a falta e os custos associados a serviços públicos/estatais ou privados (FONTAINE et al., 2006; GUERREIRO & ABRANTES, 2004).

Os sistemas de cuidados que as sociedades adotam parecem ser consistentes com as preferências e valores culturais, com influência recíproca (HABERKERN & SZYDLIK, 2010). De uma geração para outra, no entanto, espera-se



que esses valores e condições de vida também mudem, muitas vezes mais rapidamente do que os serviços de apoio públicos e privados disponíveis.

No contexto das sociedades atuais, no entanto, em que a distribuição e as expectativas de papéis entre gêneros e gerações é mais difusa, pode-se até argumentar que a tomada de decisão subjacente a uma solidariedade moderna depende de desejos individuais (HAMMARSTROM, 2005). Parece também inegável que, num contexto de crise econômica, o apoio familiar é cada vez mais fundamental para a sobrevivência e bem-estar dos seus membros mais vulneráveis: a geração mais velha e a geração mais jovem. Neste contexto, parece importante perceber quais as variáveis que parecem desempenhar um papel importante no impacto dos comportamentos solidários no bem-estar subjetivo dos jovens que se preparam para a transição para a vida adulta.

Como esperado, o processo pelo qual a solidariedade funcional influencia a satisfação com a vida dos adultos emergentes é mediado pelos valores culturais, pelo desenvolvimento psicológico e pela qualidade da relação entre pais e filhos (AQUILINO, 2006).

Embora a solidariedade funcional afete positivamente o bem-estar, o papel desempenhado pelos adultos emergentes parece influenciar esse processo. Quando os adultos emergentes são os provedores de apoio, o efeito gratificante na satisfação com a vida parece ser mais filtrado pelos valores, nível de maturidade e qualidade da relação com ambos os pais.

Os resultados sugerem que os adultos emergentes que consideram que a família deve prevalecer, que consideram seus pais como pessoas com sua própria história e necessidades e que estão satisfeitos com sua relação estão em melhores condições de vivenciar o bem-estar e a alegria em decorrência do apoio que recebem. conceder aos pais. Essas variáveis atuam como mecanismos produtivos por meio dos quais o apoio concedido influencia a satisfação com a vida. No entanto, as variáveis de mediação parecem exercer um papel menos forte (mediação parcial) quando os adultos emergentes são os receptores de ajuda. Esses padrões diferenciados para ambas as direções solidárias funcionais – dar e receber – parecem demonstrar que obter ajuda na fase adulta emergente, pelo menos no contexto português atual, é percebido como algo normativo e inquestionável. O crescente número de jovens portugueses no ensino superior (fortemente representados na amostra), como estratégia para fazer face a



um mercado de trabalho difícil e precário, pode ajudar a compreender estes resultados (Esses padrões diferenciados para ambas as direções solidárias funcionais – dar e receber – parecem demonstrar que obter ajuda na fase adulta emergente, pelo menos no contexto português atual, é percebido como algo normativo e inquestionável. O crescente número de jovens portugueses no ensino superior, como estratégia para fazer face a um mercado de trabalho difícil e precário, pode ajudar a compreender estes resultados. O crescente número de jovens portugueses no ensino superior (fortemente representados na amostra), como estratégia para fazer face a um mercado de trabalho difícil e precário, pode ajudar a compreender estes resultados (ANDRADE, 2010; BRANDÃO et al., 2012). Além disso, nesta fase da vida, seus pais podem não precisar de muita ajuda deles. Alternativamente, esses resultados também poderiam indicar o surgimento de uma geração mais aut centrada e individualista, que no fundo poderia comprometer e romper o contrato geracional, tanto em termos públicos quanto em termos mais privados, no contexto familiar (ARNET, 2004, 2007).

Um hipotético descumprimento do contrato geracional poderia derivar mais das mudanças nas condições reais de vida do que de uma mudança nas atitudes e características do desenvolvimento psicológico, ou particularmente nos valores. Ao considerar a discrepância entre o apoio que os adultos emergentes recebem e o apoio que pretendem dar aos pais no futuro, percebe-se que esse “banco solidário” (ANTONUCCI, 1985) também influencia a satisfação com a vida.

É interessante que os adultos emergentes pretendam conceder mais ajuda no futuro do que recebem no presente. Esse resultado pode, obviamente, refletir uma intenção irrealista e característica otimista dessa faixa etária e/ou geração (ARNET, 2004). Pode também sugerir a prevalência de fortes laços familiares em Portugal, mesmo nas gerações mais jovens. Uma explicação alternativa poderia ser a fonte de informação para este estudo: adultos emergentes.

A literatura sobre as relações intergeracionais entre pais e filhos adultos evidenciou que os pais tentam transmitir uma impressão mais positiva da relação com seus filhos. Com vista a manter um sentimento de continuidade geracional, tendem a sobrevalorizar o contacto mantido e o apoio prestado (participação geracional) (SHAPIRO, 2004).



De acordo com os resultados de Mandemakers e Dykstra (2008), entretanto, os informantes, sejam pais ou filhos, sempre tendem a subestimar a ajuda recebida e superestimar a ajuda concedida. De qualquer forma, uma troca desequilibrada de recursos parece reduzir a satisfação com a vida, assim como a maturidade filial e a satisfação com o relacionamento. No entanto, nenhuma relação com o familismo foi encontrada. Portanto, os valores dos adultos emergentes não mediam seu impacto na satisfação com a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste artigo foi contribuir para uma melhor compreensão da família intergeracional em uma faixa etária sobre a qual poucas pesquisas foram feitas. Observou-se que os jovens antecipam que poderão ajudar seus pais mais no futuro em comparação com o que recebem ou concedem hoje.

Além disso, os apoios recebidos e concedidos estão associados a maiores índices de satisfação com a vida, enquanto a discrepância percebida está relacionada a menores índices. Além dos efeitos do apoio na satisfação com a vida, este estudo explorou o efeito mediador de três variáveis distintas: uma associada aos valores (familismo), outra ao desenvolvimento (maturidade filial) e a terceira ao relacionamento (qualidade). Conforme verificado, todas essas variáveis atuam de forma equivalente como mediadoras da relação entre suporte e satisfação com a vida. O seu poder de mediação é mais forte pelo apoio dado do que pelo apoio recebido.

Ao passo que Osório (2018) traz a necessidade de buscarmos um novo olhar para os estudos e pesquisas da UMA, juntamente com os seus mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal todos pensando em prol de dados que fomentem a elaboração de políticas públicas para melhorar a qualidade de vida dos idosos. Afinal, envelhecer é a coisa mais moderna do mundo sendo um processo natural, e a UMA sendo um lugar de Ensino, Pesquisa e Extensão trazendo a Universidade Pública para a vida dos mais velhos (SILVA NETO e OSÓRIO, 2017).

Este artigo apresenta, no entanto, limitações claras. Embora atitudes e intenções prospectivas sejam bons preditores de comportamento, muitos fatores essencialmente incontroláveis podem influenciar a ajuda efetiva que esses



jovens concederão a seus pais no futuro. A título de exemplo, quando a maioria ainda não está empregada, é difícil prever como a prática profissional pode permitir – ou não – estabilidade econômica, disponibilidade de tempo e energia ou proximidade geográfica em relação aos pais. Todos esses fatores foram descritos como importantes preditores de solidariedade funcional. (SZYDLIK, 2008).

Outra clara limitação que deve ser ponderada na leitura desses resultados está relacionada ao fato de que a maioria dos participantes são estudantes universitários, solteiros e ainda moram com os pais. Em pesquisas futuras, também é importante considerar outras fontes de informação, principalmente os pais desses jovens, e analisar as relações diádicas entre ambos, não apenas na solidariedade, mas também nos valores, maturidade filial e qualidade do relacionamento (MANDEMAKERS e DYKSTRA, 2008).

Por fim, seria também relevante explorar o papel moderador do gênero e do nível socioeconômico nos comportamentos solidários, dada a sua comprovada relevância. É particularmente evidente que as mulheres continuam a ser as principais responsáveis pela garantia dos cuidados no seio da família, tanto para os pais como para os filhos. Como esse fenômeno ainda é observado, apesar das altas taxas de participação feminina no mercado de trabalho (ARRIAGADA, 2000; COIMBRA et al., 2013), é importante perceber se essa tendência continua na próxima geração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. **Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações**. *Análise Psicológica*, 28 (2), 255-267, 2010.

ANTONUCCI, T. C. Características pessoais, apoio social e comportamento social. Em RH Binstock & E. Shanas (Eds.), **Manual do envelhecimento e das ciências sociais** (pp. 94-128). Nova York, NY: Van Nostrand Reinhold. 1985.

AQUILINO, W. S. Relações familiares e sistemas de apoio na idade adulta emergente. Em JJ Arnett & JL Tanner (Eds.), **Emerging adults in America: Coming of age in the 21 st century**. Washington, DC: Associação Americana de Psicologia. pp. 193-218, 2006.

ARNETT, J. J. **A idade adulta emergente: A estrada sinuosa do final da adolescência até os anos vinte**. Nova York, NY: Oxford University Press. 2004.

ARNETT, J. J. Sofrimento, egoísta, preguiçoso? Mitos e realidade sobre adultos emergentes. **Journal of Youth and Adolescence**, 36 (1), 23-29,



2007. doi:10.1007/s10964-006-9157-z

ARRIAGADA, I. **Nuevas familias para un nuevo siglo?** Paidéia (Ribeirão Preto), 10 (18), p. 28-39, 2000. doi:10.1590/S0103-863X2000000100003

BENGTSON, V. L.; OYAMA, P. S. **Solidariedade e conflito intergeracional: o que significa e quais são os grandes problemas?** Em MA Cruz-Saco & S. Zelenev (Eds.), *Solidariedade intergeracional: Fortalecendo laços econômicos e sociais*. pp. 35-52, 2010.

BRANDÃO, T., SARAIVA, L.; MATOS, P. M. O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, Nova York, NY: **Palgrave Macmillan**. 30 (3), 301-313, 2012.

CHAUVEL L. Les nouvelles générations devant la panne prolongée de l'ascenseur social. **Revue de l'OFCE**, 96 (1), 35-50, 2006. Recuperado de <http://www.louischauvel.org/ofceralentissementgenerationnel5.pdf>

COIMBRA, S., RIBEIRO, L.; FONTAINE, A. M. **Solidariedade intergeracional em uma sociedade ocidental envelhecida: determinantes sociodemográficos do apoio intergeracional a pais idosos.** Em I. Albert & D. Ferring (Eds.), *Relações intergeracionais: perspectivas europeias sobre família e sociedade*. Bristol, Inglaterra: The Policy Press. pp. 205-222, 2013.

GENTILE, B., TWENGE, J. M.; CAMPBELL, W. K. Diferenças de coorte de nascimento na autoestima, 1988-2008: Uma meta-análise temporal cruzada. **Review of General Psychology**, 14 (3), 261-268, 2010. doi:10.1037/a0019919

GRUNDY, E.; HENRETTA, J. C. Entre pais idosos e filhos adultos: um novo olhar sobre o cuidado intergeracional proporcionado pela geração sanduíche. **Envelhecimento e Sociedade**, 26 (5), 707-722, 2006. doi:10.1017/S0144686X06004934

GUERREIRO, M. D.; ABRANTES, P. A passagem para a vida adulta num país do Sul da Europa: Transições em Portugal. **Revista Portuguesa de Ciências Sociais**, 3 (3), 191-209, 2004. doi:10.1386/pjss.3.3.191/1

HABERKERN, K.; SZYDLIK, M. Prestação de cuidados estatais, opinião da sociedade e cuidados de crianças a pais idosos em 11 países europeus. **Envelhecimento e Sociedade**, 30 (2), 299-323, 2010. doi:10.1017/S0144686X09990316

HAMMARSTROM, G. A construção da solidariedade intergeracional em uma perspectiva de linhagem: uma discussão sobre pressupostos teóricos subjacentes. **Journal of Aging Studies**, 19 (1), 33-51, 2005. doi:10.1016/j.jaging.2004.03.009



JENSEN, L. A.; ARNETT, J. J. Tornando-se global: novos caminhos para adolescentes e adultos emergentes em um mundo em mudança. **Journal of Social Issues**, 68 (3), 473-492, 2012. doi: 10.1111/j.1540-4560.2012.01759.x

LOWENSTEIN, A. Solidariedade-conflito e ambivalência: testando dois marcos conceituais e seu impacto na qualidade de vida de familiares idosos. **As Revisitas de Gerontologia: Série B: Ciências Psicológicas e Ciências Sociais**, 62B (2), S 100-S107, 2007. doi:10.1093/geronb/62.2.S100

LOWENSTEIN, A. Determinantes do complexo intercâmbio entre gerações: Colaboração e conflito. Em MA Cruz-Saco & S. Zelenev (Eds.), **Solidariedade intergeracional: Fortalecendo laços econômicos e sociais**. NY: Palgrave Macmillan. pp. 53-82, 2010.

MANDEMAKERS, J. J.; DYKSTRA, P. A. Discrepâncias nos relatórios de apoio e contato de pais e filhos adultos. **Journal of Marriage and Family**, 70 (2), 495-506, 2008. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00496.x

MENDONÇA, M.; FONTAINE, A. M. **Maturidade filial em filhos adultos jovens**: A validade da Medida de Maturidade Filial e o papel das transições adultas. TPM: Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology, 20(1), 27-45, 2013b.

MONTEIRO, I. B. J. **Solidariedade familiar intergeracional e bem-estar psicológico**: Estudo intergeracional sobre a relação de apoio entre filhas adultas e suas mães. Universidade do Porto, Porto, Portugal. 2010.

SILVA NETO, L. S. S.; OSÓRIO, N. B. Educação na velhice? Uma história de 11 anos na Universidade Federal do Tocantins. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 4, n. 3, p. 01-02, 2017. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/4130/11594> Acesso em 10 de fev. de 2022.

OLIVEIRA, M. R. S. **Geração sanduíche**: Análise da solidariedade para com seus pais idosos e filhos na fase adulta emergente. (Tese de Mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto, Portugal. 2011.

OSÓRIO, N. B. et. al. A Era dos Avós Contemporâneos na Educação dos Netos e Relações Familiares: Um Estudo de Caso na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins. **Revista Signos, Lajeado**, 39, n. 1, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v39i1a2018.1837> Acesso em: 06 de out. de 2022.

REZENDE, V. L., DERCHAIN, S., BOTEGA, N. J, SARIAN, L. O., VIAL, D. L., MORAIS, S. S.; PERDUCARIS, A. A. M. Avaliação psicológica dos cuidadores de mulheres com câncer pelo General Comfort Questionnaire. **Paidéia** (Ribeirão Preto), 20 (46), 229-237, 2010. doi:10.1590/S0103-863X2010000200010



SCABINI, E., MARTA, E.; LANZ, M. **A transição para a vida adulta e as relações familiares**: uma perspectiva intergeracional. Nova York, NY: Psychology Press. 2006.

SCHWARZ, B., ALBERT, I., TROMMSDORFF, G., ZHENG, G., SHI, S.; NELWAN, P. R. Suporte intergeracional e satisfação com a vida: uma comparação de mães idosas chinesas, indonésias e alemãs. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, 41 (5-6), 706-722, 2010. doi:10.1177/0022022110372197

SHAPIRO, A. Revisitando a lacuna entre gerações: explorando as relações das díades pai/adulto-filho. **Jornal Internacional de Envelhecimento e Desenvolvimento Humano**, 58(2), 127-146, 2004. doi:10.2190/EVFK-7F2X-KQNV-DH58

SZYDLIK, M. Solidariedade e conflito entre gerações. **Journal of Comparative Family Studies**, 39 (1), 97-114, 2008.

TWENGE, J. M. **Geração eu**: Por que os jovens americanos de hoje estão mais confiantes, assertivos, autorizados – e mais miseráveis do que nunca. Nova York, NY: Free Press. 2006.

TWENGE, J. M.; CAMPBELL, W. K. **A epidemia de narcisismo: vivendo na era do direito**. Nova York, NY: Átria. 2009.

TWENGE, J. M., CAMPBELL, W. K.; FREEMAN, E. C. Diferenças geracionais nos objetivos de vida dos jovens adultos, preocupação com os outros e orientação cívica, 1966-2009. **Jornal de Personalidade e Psicologia Social**, 102 (5), 1045-1062, 2012. doi:10.1037/a0027408

YARROW, A. L. Sustentabilidade e solidariedade intergeracional. Gerações: **Jornal da Sociedade Americana sobre Envelhecimento**, 33(3), 103-104, 2009.